

XI

Eram êstes os funcionários do Instituto Bacteriológico em fins de 1920 : diretor : Antônio Pinheiro de Ulhôa Cintra ; assistentes efetivos : Bruno Rangel Pestana, José Pedro de Carvalho Lima e Sebastião de Camargo Calazans ; assistente contratado : Jesuíno Maciel ; escriturário : Gaudêncio Borba ; preparador e colecionador : Getulino Vieira Pinto ; zelador : Savério Felice ; auxiliares de laboratório : José Elói Pupo e José Benedito Marcondes Machado ; serventes : Francisco Faraco e Antônio Nestor de Sousa. Trabalhava, ainda, João Adelino de Aguiar, como auxiliar de laboratório, interino, no lugar de José Elói Pupo, que, por sua vez, substituíra Getulino Veira Pinto, licenciado.

Até o dia 5 de agosto fêz parte do pessoal subalterno, como servente contratado, Eugênio de Felice, com o ordenado de 60\$000 mensais, pagos pela verba do expediente, tendo sido dispensado por circular da diretoria-geral do Serviço Sanitário, de n.º 536, com grandes prejuízos para o Instituto, segundo opinião do dr. Ulhoa Cintra.

O zelador Savério Felice continua ganhando a gratificação de 60\$000 mensais pagos por ordem do Secretário do Interior, pelos serviços extras que prestava das 7 às 9 horas da noite, como encarregado da biblioteca. Esta gratificação o dr. Ulhoa Cintra achava justa, pelo fato de o zelador ter sido desalojado de sua residência no Instituto, para seus cômodos serem transformados em laboratórios.

— 1 —

MUITO POUCO DINHEIRO

A verba orçamentária era de 8:000\$000, insuficiente para aguentar as despesas do Instituto, que têm sido maiores que os limites estipulados "a priori" e cuja diferença era sempre coberta pelo dinheiro apurado na venda de vacinas. Desde julho de 1918 até julho de 1920 essa verba extraordinária que provinha da venda de vacinas permitiu ao Instituto fazer uso de 18:000\$000, comprando material de laboratório, livros e tantas outras coisas de urgência ou necessidade.

Em 1920 possuía o Instituto 700\$000 mensais para pagamento de despesas diárias, como alimentação dos animais, carne e sangue para meios de cultura, compra de animais, café, selos, etc. . Para estas despesas era destinada uma parte daqueles 700\$000, isto é, 300\$000, sendo os outros 400\$000 utilizados para o pagamento de fornecedores que eram êstes (os principais) : Lo Prete & Salgado (armazém), que fornecia milho, fubá, farelo e material destinado à conservação e limpeza do Instituto ; Francisco del Franco que vendia capim para os animais, num valor fixo de 60\$000 mensais; Companhia Antártica Paulista que trazia gelo para os laboratórios, cobrando 38\$000 em média, por mês ; Casa Duprat, com materiais de escritório e expediente, e

finalmente, a Companhia de Gás (fornecimento para os laboratórios), variando a respectiva conta de 195\$000 a 230\$000 por mês.

O dr. Ulhôa Cintra sôbre as verbas e o pessoal comenta :

“Diante da elevação de preços de todos os materiais que necessitamos, compreende-se que a verba fixa de 700\$000 mensais, destinados às despesas desta seção não poderá satisfazer os compromissos para o seu regular funcionamento.

Fazendo-se um confronto entre o custo do gás consumido com trabalhos do Instituto, nos meses de 1918 e 1919 com o dos últimos meses dêste ano, vê-se que seu preço é três vêzes mais elevado, embora o consumo tenha sido mais ou menos o mesmo.

Diante do que vai exposto, penso que deverá o Instituto ser contemplado com a verba anual de 12:000\$000 e mais 3:000\$000, para se continuar a manter a assinatura de revistas que fazem já parte da sua utilíssima biblioteca, não se levando em conta que a citada verba de 3:000\$000 chegará tão somente para saldar os compromissos de assinaturas e não para aquisição de novos livros, como seria para desejar.

Resumindo — pessoal efetivo indispensável : 1 diretor, 3 assistentes, 1 escriturário, 1 zelador, 1 preparador e colecionador, 2 auxiliares de laboratório e 3 serventes.

Aproveitando a oportunidade peço permissão a v. s. (dirigindo-se ao diretor do Serviço Sanitário) por ser de estrita justiça, o aumento do ordenado do zelador, para 400\$000 e dos auxiliares de laboratório para 300\$000, ficando assim regularizada a gratificação que o primeiro percebe, tanto mais que os citados aumentos são dignos de todo apóio, por viem beneficiar funcionários antigos e dedicados, principalmente o primeiro que conta 27 anos ininterruptos de serviços prestados ao Instituto, ao qual se dedica todo o dia e ainda mais por ter sido sacrificado, desde que deixou de residir no Instituto, por conveniências de serviços” (123).

— 2 —

À SEMELHANÇA DE FICKER

O dr. Ulhôa Cintra fêz ainda redigir longa representação ao dr. Artur Neiva, diretor-geral do Serviço Sanitário, apontando aquilo que lhe pareceu deficiente e ainda mostrando o que deveria ser realizado, como anteriormente já o havia feito o dr. Martim Ficker. Vejamos o que sugeriu o diretor do Instituto :

“Manifestando v. s. o desejo de melhorar a atual organização dos serviços dos Institutos confiados a minha obscura mas esforçada direção, permitiu que viesse externar o meu modo de pensar a respeito da mesma.

INSTITUTO BACTERIOLÓGICO

Como teve ocasião de afirmar o prof. Martim Ficker “o Instituto Bacteriológico já não satisfaz as aspirações que se exigem de um Instituto moderno.”

De fato, instalado há longos anos no atual prédio, não tendo sido até então contemplado com os melhoramentos materiais com que têm sido dotadas as diversas seções do nosso Serviço Sanitário, continua até hoje em franco desacôrdo com os princípios de higiene, não podendo deixar de impressionar desfavoravelmente aos técnicos que o visitam.

PRINCIPAIS FALHAS A REPARAR SOB O PONTO DE VISTA TÉCNICO

Seria para desejar que não continuasse por mais tempo a prática condenável, a que são obrigados os atuais assistentes, isto é, trabalharem em comum, numa só sala, extremamente acanhada para comportar quatro mesas. Não obstante existem um pequeno laboratório para preparo de vacinas e outros serviços técnicos e um laboratório

(123) — Em 1916 o zelador Savério Felice não mais morava no Instituto. Alugou uma casa em frente, por 100\$000 mensais.

de química, também muito modesto, ambos insuficientes em espaço e material, para proporcionarem conforto e operosidade útil aos técnicos que deles se utilizam.

É indispensável, e tanto mais cedo quanto possível, para bem se corresponder aos serviços sempre crescentes do Instituto Bacteriológico, que cada assistente tenha o seu laboratório, onde possa organizar e metodizar os serviços cotidianos, para assim, com mais facilidade, dedicar-se, em parte, às pesquisas científicas. É ainda condenável, sob o ponto de vista técnico, o revestimento do piso da atual sala de trabalhos, madeira com interstícios, de desinfecção não tão fácil, como as dos pisos impermeáveis, adotados em todos os laboratórios congêneres, tanto mais que tal processo de revestimento está em desacôrdo com o que preceitua o código sanitário.

Não tem atualmente o Instituto, um laboratório convenientemente instalado para pesquisas com germes muito infetuosos, tais como peste, cólera, mormo e os exames de peste são feitos em um quarto no porão, acanhado em extremo, não dispondo de estufa, autoclave, enfim, não contando, como acontece em institutos similares, com um laboratório com autonomia técnica indispensável para proporcionar garantias aos que nêle têm que trabalhar. Assim, se amanhã irromper uma epidemia de peste no Estado, e se se tiver que intensificar o serviço de pesquisas nesse sentido, sem o aparelhamento indispensável, como presentemente acontece, o Instituto exporá as vidas dos seus funcionários superiores e subalternos e o diretor não poderá ser responsabilizado pelos desastres que por ventura possam ocorrer.

A sala de preparo de meios de cultura e de esterilização de material é acanhada e situada muito próximo da sala comum de trabalhos técnicos.

A sala onde funcionam as estufas, está sobrecarregada com outros aparelhos e nela se acha parte do arquivo e sendo ainda passagem, não permite que se consigam temperaturas constantes e portanto estufas rigorosamente reguladas como seria para desejar.

Além destes, muitos outros inconvenientes existem, tais como falta de sala para meios de cultura, sala para balanças, instalações mais apropriadas para o biotério, sala exclusivamente para receber e preparar material suspeito (fezes, escarros, etc.), destinado a exames no Instituto.

PESSOAL TÉCNICO

Para o bom aproveitamento de instalações condignas e do farto material que cotidianamente vem ter ao Instituto, seria necessário que fôsse aumentado o número de assistentes, porquanto os atuais estão sempre muito sobrecarregados com os serviços práticos, sabido é que o número de exames cresce dia a dia, tornando cada vez mais escasso o tempo para pesquisas científicas que afetam muitas delas, os interêsses imediatos da Higiene e do Estado.

Infecções como a difteria, febres tifóide e paratifóide, disenteria bacilar, meningite cerebrospinal, lepra, sífilis, tuberculose, para não citar outras, deveriam merecer investigações científicas mais minuciosas interessando principalmente as primeiras, no que diz respeito aos portadores de germes, nos quais deveriam ser feitos exames sistemáticos, cujos resultados seriam de grande alcance para a profilaxia das referidas moléstias. Para o bom desempenho dos atuais serviços afetos ao Instituto Bacteriológico, seria necessário que o seu quadro fôsse acrescido, pelo menos com dois assistentes efetivos.

BIBLIOTECA

Enriquecida com grande número de exemplares e revistas na proficiente administração do nosso saudoso antecessor, Teodoro Baima, continua merecer nossa atenção e tem sido aumentada tanto quanto possível, sendo com as atuais instalações, quase insuperáveis as dificuldades a vencer, para acomodar os exemplares de obras e revistas que a compõem.

Dentro e em breve não teremos mais espaço para novas aquisições e já não nos parece fora de tempo organizá-la como seria mister, fazendo desaparecer o inconveniente de se achar a mesma subdividida, parte na sala da diretoria e parte na secretaria do Instituto, onde consultas frequentes perturbam a boa marcha do serviço do arquivo e do expediente diário. Levada a efeito a projetada reforma das atuais instalações do Instituto Bacteriológico, ficaria a biblioteca convenientemente instalada no atual salão de trabalhos técnicos, suficientemente amplo para comportá-la, presente e futuramente.

INSTITUTO VACINOGÊNICO

Com a última reforma do Serviço Sanitário, foi extinto o lugar de diretor do Instituto Vacinogênico, que passou a ser dependência do Instituto Bacteriológico, ficando, portanto, subordinado à direção deste. Pedimos mais uma vez permissão para manifestar o nosso modo de pensar, contrário à anexação. Com a organização presente, é praticamente impossível ao diretor do Instituto Bacteriológico dedicar-se ao mesmo tempo aos trabalhos de dois estabelecimentos científicos, trabalhos que reclamam tempo, com a agravante de se acharem os referidos Institutos instalados a grande distância um do outro.

No Instituto Bacteriológico os serviços absorvem, mesmo em épocas normais, todo o tempo do diretor que se vê na contingência de prolongar o seu expediente, pela manhã e à noite, como muitas vezes acontece, para bem se desobrigar de múltiplos e urgentes afazeres, pois além dos ônus administrativos que afetam a todo chefe de seção, tem ainda a seu cargo os mesmos serviços técnicos de outrora, quando assistente.

Assim sendo, a ação do diretor do Instituto Bacteriológico sobre o Vacinogênico, tem consistido em dar absoluta autonomia ao esforçado e atual assistente dr. Alfredo Medeiros, que há vinte e sete anos nêle trabalha, tendo já estado à testa do mesmo pelo espaço de cinco anos.

Diante das últimas reclamações aparecidas acusando a pouca eficácia das linfas vacínicas preparadas pelo Instituto Vacinogênico, quis v. s., sendo também desejo do exmo. sr. secretário do Interior, que se esclarecesse a causa e que fôsse intensificado o preparo das linfas vacínicas. Para isso, de acôrdo com v. s., propuz-me a auxiliar os mesmos serviços, em vista da insuficiência do pessoal técnico (um assistente).

Não obstante nos ter v. s. proporcionado auxílio de um assistente extranumerário no Instituto Bacteriológico, tem-me sido necessário freqüentar êste último, fora das horas regulamentares, para evitar o mais possível a desorganização da preestabelecida norma de trabalho.

Apresentando-se-me a oportunidade de acompanhar de perto e por mais tempo os serviços do Instituto Vacinogênico, mais convicto ainda fiquei, da necessidade e vantagens da autonomia técnica e administrativa dos seus serviços, para a boa eficiência e organização metódica dos mesmos.

Subordinado ao Bacteriológico, como se acha, amanhã se por impedimento justo, tiver que se afastar o atual assistente dr. Alfredo Medeiros, teria o diretor que designar um dos seus assistentes para a sua substituição, o que traria como consequência a desorganização dos serviços dos dois Institutos, com a desvantagem de não se encontrar nenhum dos assistentes do Instituto Bacteriológico, conquanto não lhes falta competência, ao par da técnica habitualmente empregada no Instituto Vacinogênico, no preparo da vacina contra a varíola. Seria necessário que o diretor, o único que tem acompanhado os referidos serviços, abandonasse praticamente seu pósto no Instituto Bacteriológico, para se entregar aos trabalhos do Vacinogênico. Isso não se daria se fôsse restabelecida a antiga orientação que dotou o Instituto Vacinogênico com um diretor e um assistente, podendo assim, um suprir a falta do outro, sempre que se verificasse qualquer impedimento.

Para garantia absoluta das linfas preparadas pelo Instituto, seria necessário que um outro técnico se ocupasse exclusivamente com a verificação sistemática da atividade das linfas vacínicas, verificação que absorve muito tempo, para ser efetuada como se exige em institutos congêneres europeus e que deverá ser feita em coelhos e em braço humano. Para esta última, são maiores as dificuldades a vencer, por se apresentarem com muita irregularidade os candidatos à vacinação no Instituto, de modo que o assistente que se encarregasse desse serviço, teria que dispensar muito tempo, procurando nos domicílios, crianças para a mesma verificação.

Presentemente não se pode exigir que um único assistente se encarregue simultaneamente das citadas pesquisas e do preparo da vacina. Quanto à verificação da vacina em braço humano terá êle que se limitar a procedê-la naqueles que, em número reduzido, se apresentarem ao Instituto. Pelo mesmo motivo poderá continuar a ser praticada, sem que se aumente o número de técnicos, a dosagem sistemática da atividade das polpas, condição indispensável para bem se garantir a eficácia das mesmas, antes de serem entregues ao consumo.

V. S. que se fêz e acompanhou a formação da Escola de Osvaldo Cruz, não poderá deixar de aquilatar das dificuldades com que lutamos e teremos que lutar para bem atendermos à relevância dos serviços subordinados ao Instituto Bacteriológico e para ao

mesmo tempo, não descurarmos dos de não menor importância, filiados ao Instituto Vacinogênico.

Por maior que seja a boa vontade e dedicação, não sabemos como atender a solicitações diferentes, lamentando não nos ser facultado o dom de ubiquidade para podermos conciliar os interesses dos dois Institutos, que muito merecem para a importante contribuição que de há muito prestam à higiene e saúde pública do nosso Estado. Terminando, apresento a v. s. os melhores agradecimentos, por ter generosamente permitido que aqui viesse expor a minha modesta opinião, certo que v.s. saberá, com o prestígio que lhe assiste, considerar condignamente tão justas aspirações.

São Paulo, 13 de abril de 1920."

— 3 —

EM 1921 E 1922

Em 1921 nada de notável ocorreu no Instituto Bacteriológico ou fora dele e que lhe diga respeito. Inclusive o pessoal, neste ano, tornou-se estático.

Para não passarmos por ele em branca nuvem, mostraremos em números, os exames efetuados.

Exames de difteria : 2.292 ; fezes, 533 ; escarro, 227 ; reação de Vidal, 837 ; hemoculturas, 842 ; pesquisas de meningococos, 483 ; reação de Wassermann, 273 ; exames para diagnóstico de meningite, 42 ; pesquisas de bacilos de Hansen, 36 ; exames de água, 30 ; necrópsias humanas, 29 e necrópsias animais, 370. Foram sangrados 767 animais e inoculados 352. Prepararam-se 37.037 tubos de meios de cultura.

Além disso foram fornecidos 15.187 cm³ de vacina antiftífica (124) e 443 cm³ de vacina contra coqueluche.

Em 1922 surgem algumas modificações. Vem de novo o dr. Alexandrino de Moraes Pedrosa trabalhar no Instituto, em 22 de julho, mas desta vez como diretor. Veio, também, transferido do Instituto Butantã, em 16 de agosto, o dr. Joaquim Pires Fleury (125). Volta dos Estados Unidos o dr. Sebastião de Camargo Calazans, reassumindo seu posto em 27 de novembro (126).

Afasta-se, em maio, o dr. Jesuino Maciel, tomando a direção da Casa o dr. Rudolph Kraus (anteriormente diretor do Instituto de Higiene de Viena, do Instituto de Higiene de Montevideu e do Instituto Butantã). Transfere este, a direção, pouco depois, em 30 de junho, ao dr. José Pedro de Carvalho Lima, que por sua vez a transfere, em 22 de julho, ao dr. Alexandrino de Moraes Pedrosa, sendo que este permaneceu na diretoria até 17 de outubro seguinte, quando o dr. Carvalho Lima assume, de novo, a direção.

O auxiliar João Adelino de Aguiar deixou o Instituto em 21 de maio.

A biblioteca continua crescendo, contando neste ano 3.125 volumes.

Os exames estão assim distribuídos : material suspeito de difteria, 2.683 ; fezes, 551 ; exames de escarro, 266 ; líquido cefalorraquidiano, 505 ; pesquisas de portadores de meningococos, 801 ; hemoculturas de

(124) — De outubro de 1921 em diante o preparo da vacina antiftífica ficou a cargo do Instituto Butantã, sendo para lá enviadas todas as culturas destinadas a isso.

(125) — Joaquim Pires Fleury, farmacêutico formado em São Paulo e médico formado no Rio de Janeiro. Nasceu em São Paulo a 30 ou 31 de janeiro de 1886. Formou-se em medicina em 27 de abril de 1912 (colação de grau). Foi preparador da Faculdade de Medicina. Entrou para o Instituto Butantã em 16 de julho de 1919, percebendo 500\$000 mensais.

(126) — Calazans esteve ausente de 19 de setembro de 1920 a 27 de novembro de 1922.

casos suspeitos de febre tifóide, 569 ; reações de Vidal, 564, e reação de Wassermann, 379.

Foram realizadas, ainda, 24 autópsias humanas.

— 4 —

MODIFICAÇÕES DE PESSOAL

Em janeiro de 1923 foi contratada a primeira mulher para trabalhar no Instituto Bacteriológico. Trata-se da auxiliar de laboratório Maria Arantes, que iniciou seu contrato em 13 de janeiro.

O dr. Joaquim Pires Fleury, ex-assistente do Instituto Butantã, é em 15 de março removido por decreto, para o Instituto Bacteriológico, onde já trabalhava desde o ano anterior, em comissão. Tomou posse em 16 de março.

Em 10 de abril o dr. José Pedro de Carvalho Lima passa a direção do Instituto ao dr. Sebastião de Camargo Calazans, por ter que seguir para os Estados Unidos, comissionado, segundo determinação do diretor-geral do Serviço Sanitário, dr. Geraldo Horácio de Paula Sousa.

Tendo o preparador e colecionador Getulino Vieira Pinto entrado em gozo de licença, foi nomeado para substituí-lo, Otávio de Queirós, pessoa completamente inexperiente, e como êle mesmo declarou, sem habilitações para exercer aquêlê cargo. Êste funcionário foi nomeado pelo dr. Geraldo de Paula Sousa à revelia do diretor do Instituto Bacteriológico. O dr. Carvalho Lima, poucos dias antes de se retirar para os Estados Unidos, em officio dirigido ao diretor-geral do Serviço Sanitário, havia sugerido a nomeação provisória de José Elói Pupo para aquêlê lugar, como sempre se fêz, nas administrações anteriores, entretanto, sua proposta não foi atendida e surgiu a nomeação de Otávio de Queirós, que entrou em exercício do cargo em 18 de abril.

Pelo fato de o novo funcionário não ter capacidade para os serviços que lhe competiam, o dr. Calazans (já diretor), designou-lhe novas funções, sendo ainda mais uma vez surpreendido pelo "não" do dito funcionário que alegou, de novo, não ter conhecimentos suficientes para exercer também estas funções. Êste funcionário faltava muito ao serviço, deixando de comparecer comumente.

D. Olga Ferreira de Barros foi a segunda funcionária a trabalhar no Instituto Bacteriológico, tendo se apresentado e começado seus serviços no dia 25 de maio. Era praticante de química do Laboratório de Análises Químicas.

Havia uma terceira funcionária, d. Azália Machado, bacteriologista (127).

Em 14 de junho Getulino Vieira Pinto foi aposentado, sendo Otávio de Queirós nomeado preparador e colecionador efetivo, no mesmo dia. Êste funcionário prestou compromisso e entrou em exercício em 16 do mesmo mês. Continua a faltar desregradamente. Foi mandado em comissão

(127) — Azália Machado em 21 de julho de 1923 foi designada pela Diretoria do Serviço Sanitário para substituir o bacteriologista da Repartição de Águas, na ocasião em licença.

para o Butantã, em 26 de junho, sendo destacado para trabalhar na Seção de Concentração de Soros, para aprender a técnica do serviço.

Ingressou um novo servente, José Alberto Freire, nomeado em 29 de maio, entrando em exercício em 3 de junho. Foi nomeado em substituição a Antonio Nestor de Sousa que, no momento, substituíra José B. M. Machado, auxiliar de laboratório. Retirou-se o novo servente pouco depois. Foi contratado um outro, Dirceu de Camargo, em 10 de agosto, entrando em exercício somente em 6 de setembro. José Alberto Freire volta em outubro, ainda como servente, para substituir, em comissão, Antônio Nestor de Sousa, que substituíra mais uma vez, José Benedito M. Machado.

Em 20 de dezembro o dr. Sebastião Calazans entrou em gozo de férias regulamentares, tendo passado a diretoria do Instituto ao dr. Joaquim Pires Fleury.

Na segunda quinzena de agosto de 1924, dia 19, o dr. José Pedro de Carvalho Lima volta dos Estados Unidos, reassumindo seu posto de diretor do Instituto Bacteriológico.

O pessoal subalterno é quase que totalmente outro em 1924. Mudou o escriturário, ocupando agora o lugar, Alencar Mouth. Uma quarta funcionária ingressa, é d. Elisa Sonnleithner, contratada em janeiro, para exercer as funções de auxiliar de laboratório. D. Olga Ferreira de Barros retirou-se em novembro. É nomeado também, em maio, um outro auxiliar de laboratório, Francisco Marcelino Ribeiro Machado, para substituir José B. M. Machado, em gozo de licença.

Volta em 12 de setembro o preparador e colecionador Otávio de Queirós, após o estágio no Instituto Butantã e em 17 de dezembro foi transferido para o Desinfetório Central, depois de ser severamente repreendido pelo dr. Geraldo H. de Paula Sousa, por seus atos de rebeldia e indisciplina.

Notamos também um novo servente: Francisco Jorge Martins, nomeado em março de 1924.

São estes os mais importantes exames: difteria, 1.585; fezes, 529; tuberculose, 318; meningite cerebrospinal epidêmica, 365; portadores de meningococos, 151; febre tifóide, 2.107; sífilis, 852. Estes e mais outros exames foram realizados no Instituto, durante o ano de 1924, somando um total geral igual a 6.016.

— 5 —

A EXTINÇÃO DO BACTERIOLÓGICO

É agora, em 1924, que são dados os primeiros passos para a extinção do tradicional Instituto Bacteriológico, a casa de Adolfo Lutz, uma das glórias da medicina experimental brasileira. Esta extinção que foi consumada em fins de 1925, teve seus primórdios neste officio de 15 de abril de 1924, dirigido ao dr. Sebastião Camargo Calazans, diretor do Instituto, assinado por Geraldo de Paula Sousa, então diretor-geral do Serviço Sanitário.

“Senhor diretor

De acôrdo com autorização do dr. secretário do Interior, solicito a v. s. promover com urgência a mudança desse Instituto para o edificio que em Butantã ocupava a Escola Veterinária.

Requisitará essa diretoria transporte ao Desinfetório Central que efetuada a transferência, fornecerá diariamente condução ao pessoal, da cidade para Butantã.

Feita a mudança, solicito-lhe pôr o prédio atual dêsse Instituto à disposição da diretoria do Hospital de Isolamento.

Tenho a honra de reiterar a v. s. os protestos de minha distinta consideração."

O Instituto citado no ofício acima é o Vacinogênico que no momento estava subordinado ao Bacteriológico. Esta mudança foi feita em abril mesmo, sendo efetuada a troca das sedes, isto é, o Vacinogênico foi para o prédio da Escola de Veterinária, e a Escola de Veterinária foi para o prédio do Instituto Vacinogênico, na rua Pires da Mota, onde se encontra até hoje.

O ano de 1925 foi o ano fatídico. Distinguiu-se pela extinção, como dissemos antes, da casa cujo renome atravessara já fronteiras.

Foi em 11 de julho assinado o malfadado decreto 3.876, por Carlos de Campos, presidente do Estado, que com a reorganização do Serviço Sanitário, aboliu aquilo que havia de mais nobre e tradicional na Saúde Pública do principal estado da Federação.

Neste primeiro semestre de 1925 e último de vida do Instituto Bacteriológico e que se caracterizou como o semestre da agonia, somente dois novos funcionários foram contratados. Trata-se dos serventes Alfredo Miranda e Benedito José Aniseto, sendo o primeiro contratado em 4 de fevereiro e o segundo em 26 do mesmo mês.

Apoiado nas leis 1.999, de 19 de dezembro de 1924 e 2.028 de 30 daquele mesmo mês e ano, o decreto 3.876 reformou o Serviço Sanitário do Estado. Em seu capítulo 10, que nos interessa mais de perto, diz o seguinte, tratando do Instituto Butantã :

"Art. 58 — Os Institutos Bacteriológico, Soroterápico e Vacinogênico do Serviço Sanitário se localizarão em Butantã e constituirão todos, sob o nome de — Instituto de Butantã — uma seção única do Serviço Sanitário, sob a direção de um mesmo profissional.

Art. 59 — Caberão a essa seção as atribuições dos Institutos de cuja fusão resulta e cooperar com o Instituto de Higiene, de acôrdo com determinação do diretor-geral, na obra de educação sanitária do povo, no tocante à instalação de museus."

Com isto desapareceu o Instituto Bacteriológico, morto por Carlos de Campos, José Manuel Álvares Lobo e Geraldo Horácio de Paula Sousa.

Quais as razões plausíveis para êste ato? Não acreditamos que existam. Seis anos depois voltou a funcionar. Esta é a maior prova de sua indiscutível necessidade.

Artur Neiva, homem de inteligência privilegiada e de cultura eclética, foi um dos que nunca se conformou com a anexação ao Butantã e ainda mais, foi um dos maiores propugnadores do seu restabelecimento, ao lado de Valdomiro de Oliveira, a quem devemos as principais demarches para a reconstituição do Instituto Bacteriológico. Lograram finalmente seus intentos, e no dia 13 de fevereiro de 1931 conseguiram que o decreto 4.891 fôsse assinado, dando vida, de novo, a uma das células mais primordiais da saúde pública bandeirante. Êste decreto foi o óleo canforado, ministrado por mãos hábeis, que veio de novo vivificar o Instituto Bacteriológico que hoje orgulhosamente ostenta o nome de seu patrono, o mestre Adolfo Lutz.

Depois de transferido o Instituto Bacteriológico para o Butantã, o primeiro começou a funcionar como Posto Bacteriológico de Butantã, tendo como assistente-chefe o dr. Lucas Assunção.

É doído vermos a que ponto chegou o rebaixamento da Casa que tantas glórias deu à medicina brasileira. O famoso Instituto Bacteriológico de Sérgio Florentino de Paiva Meira, de Vicente de Carvalho, de Adolfo Lutz, era agora um mero posto de bacteriologia de um Instituto que nasceu de suas entranhas, que foi um seu apêndice. O Butantã, como ninguém desconhece, é fruto da formidável fertilidade do Instituto Bacteriológico que agora não passa de pária na hierarquia administrativa paulista.